

Animada festa marcou a abertura do Balaio de Sotaques em linda noite no Sesc Turismo

PAGs. 4 e 5



Maurício Feijó, José Ahirton Lopes, Rutinéia Monteiro e Max de Medeiros

Sarney recebe homenagem com bela programação na Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

PAGs. 6 e 7



Divulgação/Herbert Alves



BIANCA

Klamt Motta entrou no clima junino de São Luís. A top model internacional e arquiteta foi presença fulgurante na abertura do Balaio de Sotaques no Sesc Turismo (Olho d'Água)

Dá em frente passei a observar que hoje as pessoas se apaixonam por uma questão de prática. Porque dá jeito. Porque são colegas e estão ali mesmo ao lado. Porque se dão bem e não se chateiam muito. Porque faz sentido. Porque é mais barato, por causa da casa. Por causa da cama. Por causa das cuecas e das calças e das contas da lavanderia. Hoje em dia as pessoas fazem contratos pré-nupciais, discutem tudo de antemão, fazem planos e por qualquer bobagem começam logo a discutir.

O amor passou a ser passível de ser combinado. Os amantes tornaram-se sócios. Reúnem-se, discutem problemas, tomam decisões. O amor transformou-se numa variante psico-sócio-bio-ecológica de camaradagem. A paixão, que deveria ser desmedida, é na medida do possível. O amor tornou-se uma questão prática.

O resultado é que as pessoas, em vez de se apaixonarem de verdade, ficam "praticamente" apaixonadas.

Eu quero fazer o elogio do amor puro, do amor cego, do amor estúpido, do amor doente, do único amor verdadeiro, pois há muito estou farto de conversas, farto de compreensões, farto de conveniências de serviço.

Nunca vi namorados tão embrutecidos, tão covardes e tão comodistas como os de hoje. Incapazes

POR FALAR DE AMOR:

o amor é uma coisa, a vida é outra; neste fim de semana quero fazer o elogio do amor puro

de um gesto largo, de correr um risco, de um rasgo de ousadia, são uma raça de telefoneiros e capangas de cantina, malta do "tá tudo bem, tudo bem", tomadores de drinques, alcançadores de compromissos, banalidades, matadores do romance, românticidas.

Ninguém mais se apaixona? Ninguém mais aceita a paixão pura, a saudade sem fim, a tristeza, o desequilíbrio, o medo, o custo, o amor, a doença que é como um câncer a devorar-nos o coração e que nos canta no peito ao mesmo tempo?

O amor é uma coisa, a vida é outra. O amor não é para ser uma ajudinha. Não é para ser o alívio, o repouso, o intervalo, o tapinha nas costas, a pausa que refresca, o pronto-socorro da tortuosa estrada da vida, o

nosso "jeitinho sentimental".

Odeio esta mania contemporânea por sopas e descanso. Odeio os novos casozinhos. Para onde quer que se olhe, já não se vê romance, gritaria, maluquice, flexada, abraços, flores. O amor fechou a loja. Foi trespassada ao pessoal da pantufa e da serenidade.

Amor é amor. É essa beleza. É esse perigo. O nosso amor não é para nos compreender, não é para nos ajudar, não é para nos fazer felizes. Tanto pode como não pode. Tanto faz. É uma questão de azar. O nosso amor não é para nos amar, para nos levar de repente ao céu, a tempo ainda de apanhar um pouco de inferno aberto. O amor é uma coisa, a vida é outra. A vida às vezes mata o amor. A "vidinha" é uma convivência assassina.

O amor puro não é um meio, não é um fim, não é um princípio, não é um destino. O amor puro é uma condição. Tem tanto a ver com a vida de cada um como o clima. O amor não se percebe. Não dá para perceber. O amor é um estado de quem o sente. O amor é a nossa alma. É a nossa alma a desatar. A desatar a correr atrás do que não sabe, não apanha, não larga, não compreende. O amor é uma verdade. É por isso que a ilusão é necessária. A ilusão é bonita, não faz mal. Que se invente e minta e sonhe o que quiser. O amor é uma coisa, a vida é outra. A realidade pode matar, o amor é mais bonito que a vida. A vida que se lixe. Num momento, num olhar, o coração apanha-se para sempre. Ama-se alguém. Por muito longe, por muito difícil, por muito desesperadamente. O coração guarda o que se nos escapa das mãos. E durante o dia e durante a vida, quando não está lá quem se ama, não é ela que nos acompanha – é o nosso amor, o amor que se lhe tem. Não é para perceber. É sinal de amor puro não se perceber, amar e não se ter, querer e não guardar a esperança, doer sem ficar magoado, viver sozinho, triste, mas mais acompanhado de quem vive feliz.

Não se pode ceder. Não se pode resistir. A vida é uma coisa, o amor é outra. A vida dura a vida inteira, o amor não. Só um mundo de amor pode durar a vida inteira.

Fotos/ Divulgação



BARCA VELHA:

o segredo dos icônicos vinhos Barca Velha ainda é a longevidade

O que faz um grande vinho ser um grande vinho e sê-lo de forma consistente ao longo de décadas? Nada melhor, para responder a esta pergunta, do que uma prova vertical de Barca Velha, o mais famoso vinho português.

A prova vertical de alguns Barca Velha, em São Paulo, apresentou colheitas de 1965, 1982, 1991 e 2008 para o público brasileiro conhecer melhor o vinho que tem no Brasil um dos seus principais mercados fora de Portugal.

Na sua última edição produziram-se 18 mil garrafas, que hoje estão cotadas em cerca de 600 euros por unidade em Portugal e, face à procura no Brasil, pode atingir a cotação de 2000 euros.

Foi precisamente uma prova dessas que aconteceu há poucos dias, no arranque do Vinhos de Portugal em São Paulo, que chegou àquela cidade depois da primeira etapa, no fim-de-semana anterior, no Rio de Janeiro.

A prova, apresentada pelo crítico de vinhos Manuel Carvalho, tinha sido anunciada pela organização como o momento mais aguardado do evento de São Paulo, não só pela oportunidade de provar quatro Barca Velha de diferentes anos e ainda um Reserva Especial, como pela presença de Luís Sottomayor, o enólogo da Casa Ferreirinha, responsável por este vinho, que, em 67 anos de história recebeu o rótulo de Barca Velha apenas em 18 colheitas. Nos outros anos, como explicaria o enólogo, ele pode ser Reserva Especial ou pode não ser nada.

O que leva então à decisão de declarar um vinho como Barca Velha, o que o distingue de um Reserva Especial, é um dos grandes mistérios que os participantes dessa prova queriam desvendar. E Luís Sottomayor não os desiludiu.

Apesar de estarmos falando de diferenças muito sutis, alguém com a experiência dele, que ainda conheceu o criador do vinho, Fernando Nicolau de Almeida, e que declarou o seu primeiro Barca Velha em 2008, sabe exatamente o que procura: a certeza de que o vinho tem capacidade para envelhecer bem, a garantia da longevidade.

A prova abriu em ambiente solene – “provar quatro grandes Barca Velha, o vinho português mais



asd

consagrado, mais caro, mais raro, é um momento que exige alguma solenidade e alguma reflexão”, disse Manuel Carvalho, antes de contar resumidamente a história da Casa Ferreirinha, do papel dessa mulher única no Douro que foi D. Antónia Adelaide Ferreira, e depois a aventura de criar o Barca Velha com uvas nascidas no calor tórrido do Douro Superior e, como explicaria Sottomayor, a pedirem alguma frescura e, sobretudo, a acidez de outras nascidas em quotas mais elevadas. É desse equilíbrio, construído e mantido desde os anos 50 do século passado até hoje, que se faz o Barca Velha.

“De cada vez que provo um Barca Velha é como se fosse a primeira vez”, confidenciou o enólogo, que fez precisamente no Brasil as verticais mais completas deste vinho. Modesto, diz que não sente um grande peso de responsabilidade porque sabe que tem o que precisa para trabalhar: “muito boas uvas”.

E agora tudo é mais fácil do que era no tempo de Fernando Nicolau de Almeida, quando era preciso transportar gelo de Matosinhos até à Quinta do Vale Meão (hoje o Barca Velha é feito noutra quinta, a da Leda) para poder controlar a temperatura nas cubas de fermentação.

O criador do Barca Velha “tinha o sonho de produzir no Douro um grande vinho de mesa” e para isso foi à França aprender com os melhores. O primeiro vinho da prova de São Paulo foi o Barca Velha de 1965 que, segundo Sottomayor, “foi feito como o de 52”, o primeiro, em condições que descreveu como “arcaicas”. Apesar da idade, Sottomayor chamou a atenção para os aromas terciários que já começam a notar-se, com notas “levemente iodadas, uma certa maresia, alguns cheiros de farmácias antigas”.

Em novo, provavelmente “seria imbeável dada a sua adstringência”. Mas, moldado pelo tempo, ultrapassou os 50 anos de vida ganhando em charme e complexidade o que perdeu em intensidade, porque, notou o crítico, “os vinhos são seres vivos, evoluem, passam por diferentes fases, quase à semelhança dos humanos”.

Daí o interesse de uma prova vertical como esta, que continuou com o Barca Velha de 1982, já da “era da eletricidade” nas adegas. O público foi fazendo perguntas: como sabe que vai ser Barca Velha? Alguma vez decidiu que seria Reserva Especial e mais tarde pensou que poderia ter sido Barca Velha? Houve até quem tentasse a sua sorte perguntando ao enólogo

como estava o de 2011 – mas a decisão sobre este, respondeu Sottomayor sorrindo, será tomada até o final do ano.

No de 1982, os aromas terciários estão apenas começando a aparecer, sente-se “muita pimenta, frutos secos como a noz e a amêndoa, e na boca é de uma frescura extraordinária, uma intensidade fora do comum”, resumiu o enólogo. O terceiro vinho foi o de 1991, já vinificado por Sottomayor, e o quarto foi o de 2008, o tal cuja decisão de levar o rótulo de Barca Velha foi tomada pela primeira vez por ele.

Por fim, para terminar a prova, foi servido um Reserva Especial de 2009, um vinho, nas palavras de Sottomayor, “provocante, guloso, que diz olá, cheguei, estou aqui, sou bonito”. Não sendo um Barca Velha, ajudou o enólogo a explicar melhor a tal diferença: “Se calhar é um vinho demasiado oferecido e talvez tenha sido isso que me levou a decidir que seria um Reserva Especial”.

Já foi mais, quando o número de grandes vinhos portugueses era ainda residual, mas o lançamento de uma nova colheita do tinto duriense Barca Velha é sempre um acontecimento, pela raridade, prestígio e até preço do vinho. O último é da colheita de 2015 e foi apresentado no Alentejo, na lindíssima cozinha do Paço Ducal de Vila Viçosa, a casa de férias de vários reis, em especial do rei D. Carlos, o mesmo que cunhou a expressão “nas minhas sete quintas”, tantas eram as propriedades que a casa real possuía na região. Foi dali, de resto, que o monarca partiu no dia do regicídio – para quem não sabe, o Regicídio de 1908 foi o assassinato do Rei D. Carlos I de Portugal e dos Algarves e do seu herdeiro aparente, Luís Filipe, Príncipe Real de Portugal, em 1 de fevereiro de 1908.

Vila Viçosa era o seu retiro de caça e de grandes repastos, similares ao que o chef João Rodrigues fez, a partir, precisamente, de receitas de D. Carlos, para casar com o novo branco de curtimenta da Série Impar da Sogrape (vinhos mais alternativos criados pelos diferentes enólogos da empresa), o magnífico tinto Quinta da Leda 1999 (deve ter atingido o seu auge) e o novo Barca Velha.

Feijoada é liturgia

Sábado para divertir as mofedulas, recrear o paladar. Se já não aconteceu no sábado, o domingo também se presta para uma boa feijoada – esse opiparo pretexto para que o homem se empanzine, sem admitir que acaba de cometer todos os pecados da gula.

O cheirinho do feijão subindo panelão acima, as carnes assando dentro daquele viscoso “petróleo”, o caldinho servindo de aperitivo, como se fosse o nutritivo leitinho da mamãe.

A caiquirinha vai rolando – e enrolando as línguas. Mas vai também elevando os espíritos e preparando o organismo para a grande orgia: lombo, carne seca, linguiças, paio e pirão – o primeiro diácono dessa “missa” concelebrada.

Esse feijão que hoje chamamos de “amigo” nasceu na noite da escravidão, como “resto” de comida dos sinhôzinhos, migalhas deixadas para os negros das senzalas. Hoje é um luxo. Só as “guarnições” já dariam para outro almoço: arroz, farinha, refogado de cebola, fatias de laranja, couve cortadinha e – para alguns exagerados – bacon frito.

Feijoada é liturgia...2

Lembro-me de uma histórica feijoada em um sábado londrino, tupiniquins recepcionando ingleses ainda “virgens” nos segredos dessa especiaria brasileira. Todos os insumos do apreciado prato nacional haviam desembarcado na esquisita ilha do Norte, certamente por um descuido da alfândega.

Escondiam-se na mala de um estudante baiano, falante de um inglês com sotaque de “soteropolitano”, o cidadão de Salvador. Pura sorte.

A Vigilância Sanitária do Aeroporto de Heathrow costuma ser implacável com a importação de alimentos. Carnes, então, nem pensar. Pois o baiano não só baldeou “morcilhas” e “pés-de-porco”, como toda a sortida coleção de embutidos capaz de “caber” no armário de uma feijoada. Tinha até farinha de mandioca do Maranhão.

Feijoada é liturgia...3

O velho feijãozinho amigo vai acabar como um prato raro (e caro) da nouvelle-cuisine e servido por um Chef de Lyon, encadernado num impecável uniforme de linho, os pratos “decorados” com dois bagos de feijão e uma coroa de louros...

Certa vez, em tempos mais generosos, um súdito de Sua Majestade britânica foi apresentado à nossa preferência nacional e me perguntou, desconfiado, quais eram os ingredientes de uma feijoada.

Caprichei, e fui enumerando: – Alguns quilos de feijão, preto ou mulatinho, lombinho de porco, carne seca, toucinho, linguiças, pés de porco, orelha, rabo, cebola, alho, louro – tudo acompanhado por arroz branco, fatias de laranja, couve cortadinha e refogada, farofa, bananas assadas no próprio caldo...

– My God! – interrompeu o galego, escandalizado – isso não é um prato de comida: é um matadouro ou um supermercado!



A única vez que vi de perto a atriz francesa Anouk Aimée, ela estava com o diretor francês Claude Lelouch. Foi na 72ª edição do Festival de Cannes, em 2019

Uma atriz muito amada

A atriz Anouk Aimée, um dos grandes símbolos do cinema francês do século XX, morreu na última terça-feira (18) em sua casa em Paris aos 92 anos.

A estrela conquistou fama internacional com o filme “Um Homem, Uma Mulher”, do diretor Claude Lelouch, premiado no Festival de Cannes em 1966 e vencedor do Oscar de filme estrangeiro em 1967.

Ela venceu também um Globo de Ouro e foi indicada ao Oscar de melhor atriz por esse longa-metragem, em que contracenava com Jean-Louis Trintignant.

Uma atriz muito amada...2

Anouk Aimée, cujo nome real era Nicole Françoise Dreyfus, nasceu em 27 de abril de 1932 na capital francesa. Às vezes diáfana, outras vezes de uma sensualidade voluntariosa e selvagem, mas sempre imperscrutável, misteriosa.

Nós a conhecíamos como Anouk Aimée, nome que lhe veio de uma personagem que interpretou quando tinha 13 anos. O apelido, sabia-se isso nos meios cinematográficos franceses, foi uma oferta do poeta Jacques Prévert. Porque, achava ele, Anouk merecia e queria ser amada (aimée).

Com isto se tem querido salientar, agora na hora da morte da atriz, o seu encontro casual com o cinema, métier que ela relutantemente abraçou, e a elegante distância que pareceu sempre manter e que marcou o seu percurso com um fio de caos ou um tom, detectam outros, blasé.

Nova bilhetagem

O novo Sistema de Bilhetagem Eletrônica, implantado pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de São Luís (SET), oferece uma série de benefícios e comodidade. Aos usuários de transporte público de São Luís e região metropolitana.

Já 100% em operação, o sistema é um grande avanço na prestação de serviços. Além de oferecer mais segurança, rapidez e comodidade, a nova bilhetagem garante novos serviços e funcionalidades aos usuários do sistema de transporte público, permitindo, por exemplo, o pagamento de recargas por pix, QR Code e carteiras digitais.

Nova bilhetagem...2

O sistema permite, ainda, aos usuários dos coletivos urbanos e semiurbanos, validar créditos dentro do ônibus ou nos terminais de Integração.

De acordo com o diretor executivo do SET, Paulo Pires, a Bilhetagem Eletrônica é um avanço e, além da segurança para os usuários, já que não tem dinheiro circulando nos ônibus, traz comodidades necessárias ao ritmo moderno de vida.

Câncer de Mama

Estima-se que no Brasil, no próximo triênio, surjam 74 mil novos casos de câncer de mama por ano.

Entre as principais ferramentas para as pacientes que enfrentam essa batalha está a informação de qualidade. Cada jornada é única, por isso conhecer o próprio corpo, o histórico familiar e os tipos de tratamento são peças essenciais.

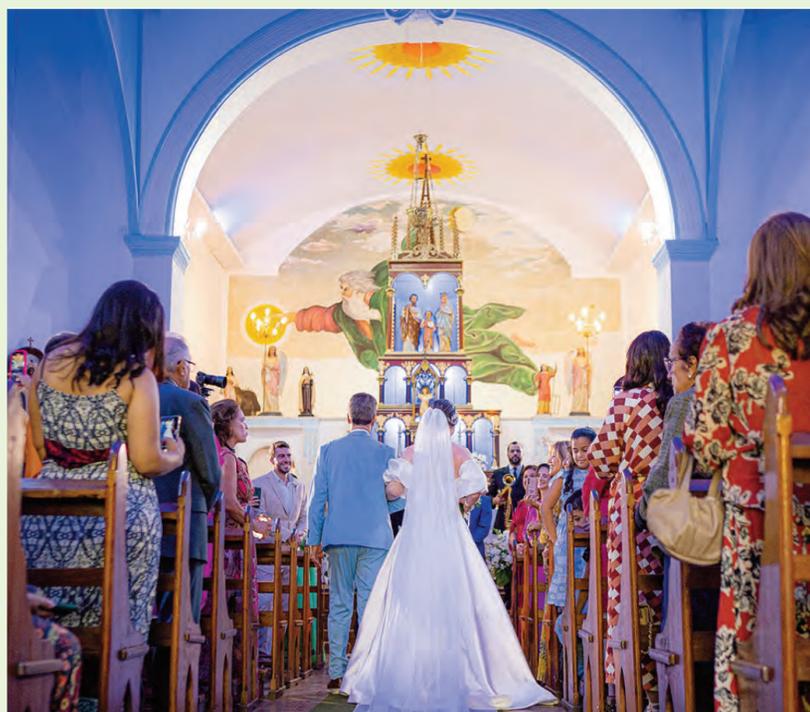
“No caso de um diagnóstico confirmado, a informação empodera a paciente e permite que ela estabeleça uma relação de confiança com seu médico, quesito fundamental no tratamento”, garantem os oncologistas.



Fotos/Divulgação/Danielle Vieira



Os noivos Marília e Gabriel trocando carícias após a cerimônia de casamento



Os noivos chegam ao altar da Igreja Católica da Sagrada Família para a cerimônia religiosa



O noivo com a mãe Ângela Angius Costa



Entrada na igreja do pajem e da dama de honra



Amparo Costa com o filho Roberto, que reside em Brasília

CASAMENTO EM VITÓRIA (ES)

Abela cidade de Vitória do Espírito Santo foi palco da bonita festa de casamento de Marília Espini Thom com Gabriel Angius Costa – ele, filho do maranhense Ronaldo Meneses Costa e Ângela

Angius Costa e neto de Amparo Meneses Costa e do saudoso Samuel Costa.

A cerimônia foi realizada no meio da tarde, na Igreja Católica da Sagrada Família. Os noivos receberam os cumprimentos no

Clube Campestre.

Amigos do noivo, quase todos seus colegas do tempo de estudante no Colégio Crescimento, em São Luís, foram testemunhar o bonito acontecimento.



A noiva chegando à igreja com Luiz Carlos Bianchi



Os noivos deixando a igreja com a caravana de padrinhos do casamento



O noivo beija a noiva após o "sim" tradicional



Os noivos Marília e Gabriel com a família da noiva: Luiz Carlos Bianchi, Maria de Fátima Espini Thom (mãe) e Rodolfo Thom (irmão da noiva)



Amparo Meneses Costa, mais o irmão Eliermes Arraes Meneses e esposa Gilda com os noivos



Amparo Meneses Costa levando uma mensagem gravada numa cerâmica



Os noivos com Ronaldo Meneses Costa e Ângela Angius Costa (pais do noivo)



A noiva posando com as madrinhas de casamento em frente à igreja



Os noivos com o cortejo de honra



Os noivos com os amigos do Maranhão: Danilo José e Lara Gratão Costa, Fernanda Marcelha Gonzaga e Gustavo Angius Costa (irmão do noivo), Tayane Sereno e Felipe José Costa



O noivo com os padrinhos de casamento na frente da igreja



Amparo Meneses Costa com os noivos



Celso Gonçalves (Sebrae-MA), Armando Ferreira (Hotel Rio Poty), o Repórter PH, José Ahirton Lopes (diretor regional do Senac), Maurício Aragão Feijó (presidente do Sistema Fecomércio-MA) e Edilson Baldez (presidente da Fiemma)



Antonio Raposo, Regina Soeiro, Flávia Amaral e Rivadavia Neiva

SUCESSO DO BALAIO DE SOTAQUES

Com muitas atrações e a presença de um grupo de pessoas representativas da sociedade maranhense, a abertura oficial do Sesc Balaio de Sotaques 2024, na noite do último sábado, dia 15, foi coroada de pleno êxito.

O presidente do Sistema Fecomércio/ Sesc/Senac, Maurício Aragão Feijó, e a Diretora Regional do Sesc, Rutineia Monteiro, receberam para o lançamento da

tradicional programação junina do Sesc, parlamentares, personalidades, imprensa, representantes de instituições empresariais e de classe em uma noite de festa e exaltação da cultura popular maranhense.

Este ano, a programação que há mais de quatro décadas integra o calendário do São João do Maranhão, traz atrações que dão uma demonstração da força e da beleza da cultura maranhense. E celebra a diversidade dos ritmos,

danças e sotaques da nossa tradição, indo da resistência do tambor de crioula ao molejo do cauriá.

No Sesc Turismo, local da abertura oficial da programação, a agenda junina acontece de 20 a 23 de junho. Durante toda a programação, o ginásio esportivo da unidade abre espaço para se transformar em um verdadeiro terreiro cheio de alegria, vibração e encanto embalado por música, dança e sotaques.

Além de quadrilhas, forró e danças folclóricas, se apresentam também os maiores grupos de Bumba Meu Boi do estado, com a variedade de sotaques como Baixada, Matraca, Orquestra e Zabumba.

Entre as mais de 20 atrações, o público poderá acompanhar as apresentações do "Batalhão Pesado" do Boi da Maioba, do "Batalhão de Ouro" do Boi de Maracanã, Boi de Santa Fé, dentre outros.



Maurício Feijó com José Ahirton Lopes, Rutineia Monteiro e Max de Medeiros



Raimundo Bentes e família com Maurício e Célia Feijó



Anderson Bentes de Sousa e Michelinne com a filha Ana Clara Feijó Bentes de Sousa



Célia e Maurício Feijó com Tayse Feques e o Diretor da TV Mirante, Alex Barbosa



Edmar Jansen de Mello e Graça



Maurício Feijó entre Sonia e Vânia Farias



Pedro Robson Holanda da Costa e Ana com Maurício Feijó e Socorro Noronha



Manoel Barbosa (vice-presidente da Fecomércio) e esposa Iraci com Célia e Maurício Feijó



Liana Souza (economista da Fecomércio), Max de Medeiros e Socorro Noronha (FCDL)



Maurício e Célia Feijó entre Fernanda e Amadeu Araújo Costa com o filho Guilherme e Aline



Rutineia Monteiro, Maurício Feijó, Ivaldo Miranda Campos e esposa



Aline Uchôa e Alberto Nogueira da Cruz



Daniel Aragão Albuquerque Filho e Marianna Pouchaim



Jesus Pereira e José Pereira de Santana



Pedro Milhomem e Tânia com Dona Zazá Gonçalves, Célia Feijó e Silvana Gonçalves



Rutineia Monteiro com Maurício, Ana Clara e Ana Célia Feijó, Orquídea Santos, o Repórter PH, Michelinne e Anderson Bentes de Sousa e José Ahirton Lopes



Maria da Graça Brandão, a filha Thais, a neta Manuela e a nora Mariana Clementino Brandão



Maurício Feijó e Rutineia Monteiro entre Inácio Pinheiro e José Pereira Godão (ambos do Boi Barrica)

Fotos/Divulgação/ Joaquim Benedito Neto



Ana Carolina Germano e Davi Figueiredo



Cintia Klamt e Fernando Motta



Madalena Nobre



Ana Célia Feijó com Rutineia Monteiro e Raimunda Holanda



Marcos Godinho e Maria Clara Lopes



Maurício Feijó, Edilson Baldez e Celso Gonçalo



Rutineia Monteiro e Maurício Feijó com o des. Lourival Serejo e Ana Maria



Lais e Saulo Silva



Pedro Aragão com Angélica Godinho, Michelinne Sousa e Jeane Nunes



Luzia e Marcelo Rezende



Armando Ferreira, Rutineia Monteiro e Manoel Barbosa



O ator Lauande Aires



Maurício e Célia Feijó com Antonio Raposo, Manoel Barbosa e Regina Soeiro



Concita e William Ribeiro



Ironara Pestana, Selma Figueiredo e Ribamar Cunha



Célia Feijó com a filha e sua família do Ceará



Jornalistas Viviane Maia, Suleima Neves e Douglas Pinto



Graciliano Batista Lopes e Graça



Fernando Motta e Cintia com os anfitriões Mauricio e Ana Célia e Daniel Aragão Albuquerque Filho



Salomão Boumann e Juliana Brasil com os filhos,



Nelma Pestana e Ribamar Cunha



Cassiano Pereria Júnior e Glenda com a filha Agnes e a sobrinha Manuela



Alessandro Batista e Pedro Milhomem com Célia e Raimundo Batista (sentados)



A mesa diretora dos trabalhos composta pelo ex-presidente José Sarney, os deputados Iracema Vale (PSB), Antônio Pereira (PSB) e Roberto Costa (MDB), além do governador Carlos Brandão, o ministro do Esporte, André Fufuca, o presidente do TJMA, des. Froz Sobrinho, a deputada federal (licenciada) Roseana Sarney, o procurador-geral de Justiça, Danilo José de Castro Ferreira, o presidente da Famem, Bigu de Oliveira, e o presidente da AML, des. Lourival Serejo

GRANDE FESTA PARA SARNEY NA CASA DO POVO

Não há registro na Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão de uma solenidade tão prestigiada para a entrega da Medalha do Mérito Legislativo Manuel Beckman como a que foi realizada ontem, dia 19, para o homenagear o ex-presidente da República José Sarney.

A concorrida sessão foi conduzida pela presidente da Casa, deputada Iracema Vale (PSB). Além do governador Carlos Brandão e dos deputados Antônio Pereira (PSB) e Roberto Costa (MDB), compuseram a mesa dos trabalhos o ministro do Esporte, André Fufuca; o presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), desembargador Froz Sobrinho; a deputada federal licenciada Roseana Sarney; o procurador-geral de Justiça, Danilo José de Castro Ferreira; o presidente da Federação dos Municípios do Estado do Maranhão (Famem), Bigu de Oliveira; e o presidente da Academia Maranhense de Letras (AML), o também desembargador do TJMA Lourival Serejo.

Além da presença dos deputados que compõem a Assembleia, a sessão solene também reuniu deputados federais, ex-governadores, prefeitos, secretários de governos, familiares e amigos de José Sarney, além de diversas outras autoridades políticas.

Logo na abertura dos trabalhos, foi apresentado um vídeo contando um pouco sobre a trajetória de José Sarney, no qual diversas pessoas falaram sobre o legado do ex-presidente da República para a política, a cultura e a literatura.

Em seu pronunciamento, a presidente Iracema Vale destacou as contribuições de José Sarney para o Maranhão e Brasil, pontuando a importância da sua atuação no processo de redemocratização do país após o fim da ditadura militar.

“Essa homenagem, na verdade, é a Casa que recebe, com a presença desse grande homem que fez muito para o Maranhão e o Brasil, como a Constituição e a democratização do nosso país. Estamos muito felizes e honrados em poder compartilhar esse momento. José Sarney é político, poeta, gentil, delicado e conciliador. É fonte de inspiração para muitos”, completou a parlamentar.

O governador Carlos Brandão, em sua participação na tribuna da Alesma, também destacou as contribuições de José Sarney para a consolidação da democracia no Brasil após a saída dos militares do poder.

“Sinto-me muito honrado em estar governador em um momento muito importante como esse. José Sarney dedicou a sua vida a servir o Brasil e escreveu uma parte importante na nossa história, que foi a consolidação da democracia. Sob sua liderança, o Brasil abriu caminho para a liberdade e participação democrática. Esse processo de redemocratização marcou o fim do autoritarismo e o início do estado democrático de direito”.

A mesma opinião foi compartilhada pelo deputado Roberto Costa, proponente da homenagem, que destacou os trabalhos literários e político de Sarney, pontuando também a condução do ex-presidente nos diversos processos de transformação do país.

Mesmo aos 94 anos, José Sarney fez questão de discursar na tribuna da Assembleia por entender a simbologia e a importância daquele momento. Em seu pronunciamento, o homenageado agradeceu a todos, em especial à presidente Iracema Vale e ao deputado Roberto Costa pela proposição da homenagem.

“Portanto, eu quero dizer que esta cerimônia tem para mim um significado extraordinário que muito me comove e, ao mesmo tempo, é um reconhecimento que eu recebo com a maior honra e maior gratidão. A gratidão é a memória do coração. A vocês todos que comparecem a esta solenidade, eu quero dizer que a memória do meu coração é de gratidão”.

E continuou: “O político é, sem dúvida alguma, um homem que serve à comunidade. Os políticos são muito injustiçados. Há maus políticos, mas a maioria é formada por bons políticos. O primeiro sentimento de um político é de servir e dedicar sua vida ao seu mandato”, destacou Sarney que também falou sobre o trabalho de redemocratização do Brasil com a promulgação da chamada Constituição Cidadã, em 1988.

“Eu convoquei a Constituição de 1988 para a transição democrática, porque disse a

Ulisses que, sem constituição, não há transição. E aí, juntos, resolvemos os problemas que tínhamos. Fizemos uma constituição que tem seus defeitos, que até hoje nós estamos modificando com medidas ou emendas constitucionais. Então, eu tenho absoluto orgulho de ter presidido a transição democrática e, durante a transição democrática, também nós conseguimos que o Brasil se transformasse na sexta economia do mundo”, disse.

Por fim, Sarney exaltou sua paixão pelo Maranhão. “Parabéns ao povo maranhense, que, sem dúvida, tem a ajuda da Assembleia, dos políticos maranhenses, com a consciência que eles devem ter da sua responsabilidade, do seu dever de servir, da honestidade do exercício das funções públicas para que, então, possamos ter aquilo que eu sempre digo: Maranhão, minha terra, minha paixão”, finalizou.

Recepção na chegada

José Sarney foi recepcionado com honrarias dignas de sua importância na política, na cultura e nas letras. O 31º presidente da República Federativa do Brasil chegou acompanhado pela presidente da Casa, deputada Iracema Vale (PSB); do governador do Maranhão, Carlos Brandão (PSB); e dos deputados Antônio Pereira (PSB) e Roberto Costa (MDB), primeiro e segundo secretários da Mesa Diretora, respectivamente.

Logo na entrada, Sarney foi recepcionado com música orquestrada pela Banda do Bom Menino das Mercês. Ainda no hall de entrada do plenário, ele participou de um momento de autógrafos em uma réplica de uma mesa presidencial de quando foi chefe da Nação, entre 1985 e 1990. Nesse momento, autografou exemplares do romance “Saraminda”, uma de suas mais importantes e reconhecidas obras, ao lado de duas crianças alunas da Creche-Escola Sementinha, que funciona na Alesma.

A homenagem foi o ato de maior repercussão política do estado nos últimos meses e reuniu num mesmo ambiente lideranças de diferentes frentes de poder no Maranhão.



Registro da aposição da Medalha do Mérito Manuel Beckman em José Sarney



Antes da solenidade, José Sarney autografou obras literárias de sua autoria, acompanhado do governador Carlos Brandão e da presidente da Alesma, deputada Iracema Vale



No começo da solenidade, o ex-deputado e ex-ministro Gastão Vieira com o Repórter PH, o ex-governador Jura Filho e o ex-deputado Carlos Muniz Filho



O secretário de Estado Luiz Fernando Silva, Gastão Vieira e os empresários Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Cláudio Azevedo

Fotos/ Divulgação



Em destaque no primeiro plano, Maria Fernanda Sarney Santos, Jorge Murad. Ana Clara Sarney, Marcos Cordeiro Sarney e Mariana e José Carlos Sousa Silva



Sarney com os deputados Iracema Vale, Antonio Pereira e Francisco Nagib Oliveira



Alessandro Batista (cantou o Hino Nacional e o Hino do Maranhão) com Maurício Feijó e Alberto Tavares Vieira da Silva



Os Sarney no primeiro plano: desembargadora Nelma Sarney, Giselda Sarney Lima e o filho Frederico e Ana Maria Sarney



Edílson Baldez e Fábio Braga



Roseana Sarney com os personagens da comédia Pão com Ovo



Jorge Murad e Roseana Sarney com as deputadas Solange Almeida, Mical Damasceno e Edna Silva



Jorge Murad e Roseana Sarney com a desembargadora Oriana Gomes



Deputado Pará Figueiredo dos Anjos e esposa



Clores Holanda e Dilercy Adler com Maria Teresa Neves



Historiadora Clores Holanda e o ministro do Esporte, André Fufuca



Deputados Rafael (licenciado), Neto Evangelista, Davi Brandão e Osmar Filho com a desembargadora Francisca Galiza

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

 _evandrojr
 @evandrojr



Carol Berger entre Amélia Jorge, coordenadora do projeto, e Célia Marinho, da AmoVinho Bistrô & Adega

AmoVinho recebe Carol Berger no TPM

“O varejo sem o São João não é o mesmo” foi o tema da mais recente edição do projeto ‘Terça para Mulheres’ (TPM), iniciativa da AmoVinho Bistrô & Adega, no Parque Shalon.

A convidada especial foi a gerente de Marketing do Shopping da Ilha, Carol Berger, que aprovei-

tou a temporada junina para falar sobre as vantagens do período para o comércio.

Shoppings, restaurantes, feiras livres e barracas registram um aumento surpreendente no faturamento nesta época do ano em São Luís. Com o fluxo de turistas e mora-

dores aproveitando as festividades, surge a necessidade de mão de obra extra.

São criados inúmeros empregos temporários, também, oferecendo uma renda extra para muitas famílias. E foi dentro desse contexto a contribuição da convidada.



Diretor da TV Mirante, Alex Barbosa, com a filha Isabela



Elizabeth Rodrigues, Danielle Vieira (InterMídia) e Beth Soares



Igor Melo (Rede Globo), Flávia, Tayse Feques, Rose Oliveira, Suleima Neves, Patrícia Camargo, Camila e Thiago Amorim



Presidente da Equatorial Maranhão, Sérgio Túlio, com a esposa Anya Gadelha



Gerente de relacionamento com o cliente, Rainilton Andrade, entre brincantes do Boi Barrica



Repórteres da TV Mirante: Murilo Lucena, Nicce Ribeiro, Ádria Rodrigues, Geyce Gomes e Thárcila Castro

Arraial solidário com renda para o Rio Grande do Sul

O Multicenter Sebrae foi palco do Arraial Solidário, promovido pela Equatorial Maranhão para colaboradores do grupo, parceiros e convidados. Com o tema “Várias tradições, uma só causa”, o evento este ano teve dupla finalidade: celebrar a diversidade, riqueza e beleza da cultura popular maranhense e arrecadar re-

ursos a serem repassados às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul.

Foi disponibilizado um QR Code, onde os colaboradores e convidados puderam ajudar na causa e doar qualquer quantia, uma forma de unir cultura, solidariedade e valorizar o que há de mais bonito no rico folclore junino maranhense.

Além de espaços instagramáveis para vídeos e fotos, o evento contou com praça de alimentação e várias opções da culinária típica maranhense, além de um espaço kids com brinquedos.

No palco, toda a diversidade, o colorido e os diferentes ritmos das apresentações folclóricas e

artísticas, que reuniram o que há de mais bonito na cultura popular maranhense.

Destaque também para os 20 anos do grupo, quando o presidente da Equatorial Maranhão, Sérgio Túlio, acompanhado de diretores e superintendentes, fez um balanço positivo das operações da Equatorial no país.



CLICK da linda Dhyesse Holanda, formanda de Odontologia, que faz pose de modelo na encantadora paisagem da Cidade Luz



Jacqueline Heluy com o diretor da TV Mirante, Alex Barbosa



Jornalista entre Ana Paula Muniz, da TV Mirante, e Zeca Soares, diretor de Jornalismo e Programação da Rádio Mirante News

Jacqueline Heluy no Grupo Mirante

A diretora de Comunicação da Assembleia Legislativa do Maranhão, jornalista Jacqueline Heluy, esteve no Grupo Mirante, onde concedeu entrevista à Rádio Mirante News, falando sobre os detalhes do Arraial da Assembleia, que começou na última quinta-feira.

Ela também visitou a TV Mirante, onde foi recepcionada

pelo diretor da emissora, Alex Barbosa, bem como circulou pela Redação, reencontrando amigos e colegas de trabalho.

Afinal, a jornalista integrou a equipe do Grupo Mirante, especificamente o jornal O Estado do Maranhão, onde se destacou como uma das mais competentes, antenadas e queridas editoras do matutino.



A diretora de Comunicação da Assembleia Legislativa do Maranhão com o jornalista Evandro Júnior, apresentador da Agenda Cultural da TV Mirante